

HUMOR SATÍRICO NO CORDEL "O TESTAMENTO DE GETÚLIO", DE CUÍCA DE SANTO AMARO¹

SATIRICAL HUMOR IN THE CHAPBOOK "GETÚLIO'S TESTAMENT," BY CUÍCA DE SANTO AMARO

LEANDRO ANTONIO DE ALMEIDA²

 [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-8354-9514](https://orcid.org/0000-0001-8354-9514)

 [HTTPS://LATTES.CNPQ.BR/1558018587145464](https://lattes.cnpq.br/1558018587145464)

Recebido em: 18 de maio de 2025.

Revisão final: 23 de dezembro de 2025.

Aprovado em: 16 de janeiro 2026.

 [HTTPS://DOI.ORG/10.46401/AREC.2025.V17.23422](https://doi.org/10.46401/AREC.2025.V17.23422)

¹ Versões preliminares deste trabalho foram apresentadas no Seminário de Humor e História da USP, coordenado por Elias Thomé Saliba, e no I Congresso Nacional de História Cultural e Humor: Entre o Cultural e o Político: o Humor no Espaço Público, que ocorreu em Cuiabá em novembro de 2025. Agradeço aos comentários realizados nesses espaços, e aos pareceristas da Revista Albuquerque, pela contribuição à versão final do texto.

² Historiador, mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). É docente do curso de Licenciatura em História e do Programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Realiza estágio de pós-doutorado no Departamento de História da FFLCH/USP desde agosto de 2025, sob supervisão do Prof. Dr. Elias Thomé Saliba. E-mail: leandroalmeida@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir e compreender as camadas mobilizadas para construção de representações políticas através do humor satírico nos cordéis, uma mídia impressa com importante referencial na oralidade, voltada aos pobres, parte dos quais se comoveu com o suicídio do presidente Getúlio Vargas em 1954. Analisaremos as representações satíricas no cordel publicado por Cuíca de Santo Amaro intitulado “O testamento de Getúlio” (1954), lançado poucos meses após a morte de Vargas. Com referência à famosa “Carta-Testamento”, se vale de um milenar gênero jocoso para alvejar os desafetos, mobilizando referências políticas imediatas e outras culturais mais duradouras, ligadas ao catolicismo e ao macabro, que circulam no nordeste brasileiro. Para isso, contextualizaremos a situação política gerada com o suicídio de Getúlio e a subsequente comoção popular, o papel dos cordelistas nesse momento, inclusive de Cuíca de Santo Amaro, bem como traremos referências ao gênero que utilizou, os testamentos jocosos, cuja estrutura formata o cordel “O Testamento de Getúlio”. Por fim, analisaremos a construção do humor nesse cordel através dos seus legados jocosos.

PALAVRAS-CHAVE: cordel, sátira, Salvador-BA, testamentos jocosos, Getúlio Vargas.

ABSTRACT: The main goal of this paper is to reflect on and understand the layers mobilized to construct political representations through satirical humor in the chapbooks, a printed media with an important reference in orality, intended for the poor groups in Brazilian society, some of those commoved by the suicide of president Getúlio Vargas in 1954. We analyse satirical representations in the cordel (chapbook) published by Cuíca de Santo Amaro entitled “O testamento de Getúlio” (Getúlio’s Testament) (1954), released a few months after the death of Getúlio Vargas. Referring to the famous “Carta-Testamento” (testament letter), he uses an ancient humorous genre to target enemies, mobilizing immediate political and other more lasting cultural references, linked to Catholicism and macabre of the Brazilian Northeast. To this aim, we will contextualize the political situation generated by Getúlio’s suicide and the subsequent popular commotion, the role of the popular poets at that time, including Cuíca de Santo Amaro, as well as bring references to the genre he used, the jocular testaments, whose structure formats the chapbook “O Testamento de Getúlio”. Finally, we will analyze the construction of humor in this chapbook through its jocular legacies.

KEYWORDS: chapbooks, satire, Salvador-BA, jocular testaments, Getúlio Vargas.

Epígrafe

A nova ordem política teria que ser criada com base em partidos de massa, novos papéis do Estado e a articulação de outros arranjos de alianças regionais. Os meios de comunicação de massa se tornam decisivos na recomposição do regime. O poeta nordestino recicla o cartaz e atualiza o mito populista na literatura de cordel.

(SEVCENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio republicano. In: História da Vida Privada no Brasil, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 40)

O cartaz a que se refere a citação é a capa do cordel de Cuíca de Santo Amaro, O testamento de Getúlio, abaixo reproduzida.

Figura 1 – capa do cordel “O testamento de Getúlio”



Fonte: AMARO, Cuíca de. (pseud. de José Gomes). O testamento de Getúlio. s/l:s/d, 8p. [Salvador: 1954] In: BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da Literatura de Cordel. Natal: Fund. José Augusto, 1977, p. 226.

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir e compreender as camadas mobilizadas para construção de representações políticas através do humor satírico nos cordéis, uma mídia impressa com importante referencial na oralidade, voltada aos pobres, visando aqueles que se comoveram com o suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas em 1954. Trataremos de um singular

caso de manifestação de humor político por um cordelista soteropolitano, em um momento de fragilidade democrática, marcado pela expectativa de deposição de um presidente e até golpe de Estado. O golpe foi adiado pelo suicídio de Getúlio e pela grande, tensa e contundente comoção popular que se seguiu ao episódio. Abordaremos especificamente as representações satíricas no folheto³ de Cuíca de Santo Amaro intitulado “O testamento de Getúlio” (1954), lançado poucos meses após a morte de Vargas. Mesmo fazendo referência, no título, à famosa “Carta-Testamento”, se vale de um milenar gênero humorístico – os testamentos jocosos – para alvejar os desafetos, seus e do ex-presidente, mobilizando referências políticas imediatas e outras, culturais, mais duradouras, ligadas ao catolicismo e ao macabro, que circulam no nordeste brasileiro.

Por ser uma publicação barata, no período anterior à difusão do rádio à pilha e, mais tarde, da televisão nos anos 1960, o cordel era uma importante e prestigiada mídia para as camadas pobres do Nordeste, do Norte e da Bahia. Constitui sistemas de produção e difusão cultural que engloba autores, textos, mecanismos de distribuição, público e intérpretes. Tem em comum com o jornalismo e com as literaturas canônicas ou massivas “o fato de agir sobre nosso mundo pela palavra, com a qual também criam novos mundos” (MENEZES, 2019, p. 228). Tinha funções de entretenimento, formação cultural e também noticiosa, notícias essas veiculadas de maneira sóbria, com dramaticidade sensacionalista, ou ainda a partir de modos humorísticos. Nesse aspecto, os folhetos eram concorrentes do rádio e da imprensa. Eram vendidos em locais de grande movimento nas cidades ou por pessoas, os próprios cordelistas ou revendedores, que perambulavam pelas cidades menores e fazendas. Era comum inúmeras pessoas se deleitarem com suas histórias e se informarem sobre eventos do dia-a-dia local, regional, nacional e internacional. Referia-se a esse prestígio o poeta alagoano Rodolfo Coelho de Cavalcante, ao comentar que “o sertanejo sabe pelo rádio ou por ouvir dizer os acontecimentos importantes. Mas só acredita quando sai no folheto... Se o folheto confirma, aconteceu...” (LESSA, 1973, p. 59). Nesse sentido preciso, ao lado da produção cultural através da elaboração de histórias, Rodolfo, Cuíca e outros os cordelistas tinham plena consciência da sua atuação como intelectuais mediadores (GOMES, 2016) entre códigos culturais distintos e concorrentes, mediação marcada não apenas pela transposição de informações como pela elaboração narrativa e verbal especializada, em versos.

O humor esteve presente, de variadas formas, na produção de folhetos e romances dos inúmeros poetas de cordel brasileiros, especialmente nordestinos, famosos ou não, desde que o formato foi consolidado e popularizado no início do século XX em Pernambuco por Leandro Gomes de Barros. Aliás, dentre a vasta produção de Leandro Gomes de Barros, há também uma

3 Neste trabalho usaremos as palavras “folheto” e “cordel” como sinônimos referentes aos impressos em versos compostos pelos cordelistas, aqui também denominados poetas e poetas de cordel. Em Salvador, os impressos também receberam denominações ABC, como o denomina Jorge Amado em Jubiabá (1935), em referência a um de seus gêneros, ou arrecifes, pelos quais eram conhecidos quando Rodolfo Cavalcante chegou em Salvador em 1945, referindo-se à origem dos folhetos de João Martins de Athayde. O depoimento de Rodolfo acerca das denominações “cordel”, “folheto” e “arrecifes” consta em WANKE, 1983, p. 114.

verve crítica e satírica, já abordada historiograficamente, com notícias de acontecimentos e enxovalhando costumes e pessoas (jogo, cachaça, sogra, religião, estrangeiros), bem como a República, com a temática do “mundo às avessas” (CURRAN, 1986; MARQUES, 2014). Mais tarde, o editor e também cordelista João Martins de Athayde percebeu que, nas feiras, oitenta por cento dos cordéis vendidos nas feiras eram de humor ou pelejas. Embora tenha se especializado neste tipo, publicava folhetos da outra vertente. Mesmo em Salvador, desde os anos 1930, cordelistas publicavam folhetos humorísticos, como Permínio Valter Lírio, Heráclito Amorim e Aristeu Guerra Moreira (WANKE, 1983, p. 118-121). Mas nenhum deles teve sua atuação pública tão identificada ao humor por toda a sociedade, a ponto de ser considerado um humorista, como Cuíca de Santo Amaro.

Talvez por conta dessa identificação e atuação profissionalizada, reconhecida local, regional e nacionalmente, ele tenha sido um dos poucos a mobilizar o humor satírico em um momento pouco propício, quando uma tragédia política provocou tristeza, desamparo e raiva em grande parte da população, sentimentos esses grandemente explorados por ele e pelos seus colegas cordelistas. O folheto “O testamento de Getúlio” incorporou sentimentos ligados a esse clima, principalmente a raiva, ao fantasiar, pela intenção de produzir riso, um testamento que também veiculava vingança e desforra. Essa é uma das razões pela qual escolhemos analisá-lo, pois a interface com ambiente político de nervos à flor da pele permitirá abordar a mobilização de sentimentos agressivos no humor, especial mas não exclusivamente político, sentimentos que, atualmente, marcam grande parte da produção que circula na internet e redes sociais. Outra razão é que esse folheto é mencionado por parte da bibliografia sobre cordel político do período e sobre Cuíca. Além de citado no livro “Antologia baiana da literatura de cordel” como um dos folhetos que se destacam entre suas obras, é considerado a obra culminante de Cuíca sobre Getúlio (CURRAN, 1990, p. 170-172), e um folheto diferenciado em relação aos que retratam a carta-testamento de Getúlio, por sua criatividade e resolução dos fatos (CABRAL, 2008, p. 149-151). Porém, tais trabalhos apenas mencionam sem aprofundar sua construção satírica, desconsiderando também a relação com os testamentos jocosos.

Abordar cordéis satíricos na pesquisa pressupõe considerar o papel do humor que opera por meio dessas representações, voltadas à denúncia de poderes estabelecidos ou se voltar contra grupos já oprimidos, além de, na modalidade do ridículo, funcionar como um mecanismo regulador social. O que distingue a sátira de outras formas cômicas e de outras formas de agressão simbólica é a presença de algum grau de fantasia (ou jogo) na representação, através de imagens direcionadas contra alvos a partir de um padrão moral, imagem essa que busca mobilizar conceitos e os afetos socialmente internalizados pelo destinatário, operando sobre elas técnicas que levam à rotação de perspectivas ou mudanças bruscas de planos discursivos, características do humor. Logo, é um humor agressivo, concebido como mecanismo de ataque simbólico, destinado a construir e desconstruir imagens cristalizadas acerca de pessoas, grupos, sociedades, instituições, ideias, filosofias etc. e, por consequência, criar disposições em relação a tais elementos da realidade, em geral disposições negativas (BERGER, 1998; CONDREN, 2012 e 2016; FRYE, 1973; SALIBA, 2018).

É nessa perspectiva sobre a sátira que abordaremos o cordel “O Testamento de Getúlio” de Cuíca de Santo Amaro, buscando perceber o jogo entre as fantasias pressupostas no gênero, articuladas nas imagens, e os ataques a personalidades de meados dos anos 1950 segundo o padrão moral do trabalhismo getulista. A relevância da empreitada está na importância de analisar as representações humorísticas, veiculadas em mídias como o cordel, que não seguem os padrões narrativos e ficcionais da literatura divulgada em livros, jornais ou fascículos das grandes editoras, nem das notícias veiculadas pelo jornalismo empresarial, impresso ou audiovisual. Para isso, contextualizaremos a situação política gerada com o suicídio de Getúlio e a subsequente comoção popular, o papel dos cordelistas nesse momento, inclusive de Cuíca de Santo Amaro, bem como traremos referências ao gênero que utilizou, os testamentos jocosos, cuja estrutura formata o cordel “O Testamento de Getúlio”. Por fim, analisaremos a construção do humor nesse folheto através dos seus legados jocosos.

MORTE DE GETÚLIO, COMOÇÃO POPULAR E OS CORDELISTAS

O suicídio de Getúlio Vargas, na manhã de 24 de agosto de 1954, reverteu o sentido uma crise política, aberta com a tentativa de assassinato do seu maior opositor, Carlos Lacerda, na noite de 5 de agosto, por pistoleiros contratados por membros da guarda pessoal do presidente, incidente que vitimou o major da aeronáutica Rubem Vaz. O atentado reforçou, nas semanas seguintes, uma campanha da maior parte da imprensa contra Getúlio, um inquérito policial militar com poderes excepcionais que procurou implicar pessoas próximas a ele, e ensejou um movimento cada vez mais abertamente golpista por parte das forças armadas e civis da oposição udenista. A pressão pela sua renúncia, enquanto se tramava a alternativa de um golpe, chegou a um fim inesperado com a divulgação do suicídio de Vargas e de sua carta-testamento.

Ao receber a notícia, pelas rádios, alto-falantes, pela imprensa, pelos cordéis ou no boca-a-boca, a população pobre de várias grandes cidades brasileiras, inclusive capitais, manifestou tristeza e revolta pela morte do presidente, pela forma como ocorreu e por suas causas. Serviços públicos, empresas, escolas suspenderam suas atividades, e nas ruas se realizaram comícios e passeatas em prol do presidente falecido. Grandes manifestações do pesar ocorreram, por exemplo, na exibição do esquife no Palácio do Catete e no imenso cortejo que o conduziu ao aeroporto, locais onde a multidão se aglomerou, empunhou o retrato do presidente, chorou, e pessoas até passaram mal. Outro exemplo, evocando elementos da cultura católica, ocorreu em Salvador, onde se organizou, em 25 de agosto, uma caminhada noturna pelas principais ruas da cidade, com os caminhantes silenciosos empunhavam velas, que saiu da praça da Sé até a sede do PTB. Por outro lado, a fúria pelo desenlace político levou pessoas a atacarem símbolos nacionais ou estrangeiros das forças políticas opositoras a Vargas e, de alguma forma, consideradas responsáveis pelo suicídio. Ainda em 24, em ruas do centro do Rio e em Porto Alegre, prédios dos partidos udenistas, jornais de oposição, empresas e embaixada norte-americanas foram atacados, além de ocorrerem confrontos com a polícia

e forças armadas e de segurança na Capital Federal (FERREIRA, 2005; BAUM, 2004; FAUSTO, 2006).

Como bem apontou Jorge Ferreira em sua análise acerca dessas manifestações, elas “revelam ao historiador muitas das ideias, crenças, tradições, expectativas e a maneira como os homens comuns, em meados da década de 1950, organizavam a realidade social e política em suas mentes”, permitindo-lhe resgatar tanto “aspectos da cultura política da época, a importância de Getúlio Vargas na constituição de uma identidade coletiva da classe trabalhadora fundada no trabalhismo e a recusa ao projeto de modernização conservadora liderado pela UDN” como também os imaginários sociais conflituosos gerados pelas imagens e representações no contexto da crise de agosto de 1954. Para Ferreira, essas dimensões culturais da população comum tiveram uma importância social e política. Refutando as teses que colocam o protagonismo político apenas aos grandes atores do período e esvaziam a capacidade de intervenção da população, concebendo suas ações apenas como atitudes desesperadas e sem objetivos definidos, o autor defende que:

o elemento que reforçou de maneira determinante o recuo dos golpistas foi a entrada no cenário político de uma multidão amargurada, revoltada e enfurecida que questionou, assustou e mesmo ameaçou o grupo oposicionista que se preparava para tomar o poder. A atitude inesperada de Vargas e as insurreições populares não encontraram respostas imediatas na oposição e nos círculos antitrabalhistas (FERREIRA, 2005, p. 167-168)

Ao atuar através de folhetos noticiosos, os cordelistas se nutriram desse ambiente e contribuíram para propagá-lo no tempo e no espaço, realizando uma mediação cultural politicamente marcada: não apenas divulgaram informações como alimentaram a grande corrente de comoção e raiva contra a oposição, imediatamente após o suicídio. Sendo Getúlio o político mais representado pelos cordelistas, no período de apogeu da produção cordeliana como crônica dos eventos no século XX, não por acaso “a morte de Getúlio Vargas foi, se não o maior, certamente um dos mais grandiosos eventos políticos de toda a literatura de Cordel” (CURRAN, 2003, p. 133). Quase todos os principais cordelistas do período, em todo o país, escreveram sobre a morte de Getúlio. Entre outros, publicaram folhetos Delarme Monteiro da Silva (em Recife), José Estácio Monteiro (em Alagoas), Antonio Eugênio da Silva (Sulânia-PB), Manuel D’Almeida Filho, Antonio Fernandes da Nóbrega (em Natal), Joaquim Batista de Sena (em Fortaleza), Amador Santelmo e Azulão (no Rio), Antonio Teodoro dos Santos (em São Paulo), Minelvino Francisco Silva (em Itabuna-BA), e, em Salvador da Bahia, Rodolfo Coelho Cavalcante e Cuíca de Santo Amaro. Por essa atuação intensa, os escritos sobre a morte tiveram destaque dentre os “folhetos sobre Getúlio”, gênero de uma classificação popular, feita pelos próprios agentes, folheteiros e poetas de cordel, que Liedo Souza encontrou ao andar pelas feiras e mercados da Bahia ao Maranhão nos anos 1970:

Folhetos de Getúlio. Alguns falam dos seus tempos de candidato, e a ele se referem como ‘defensor dos marmiteiros. Outros, do dia de sua morte, ‘data triste e pavorosa para todo brasileiro bom’. Alguns nos dão em versos a célebre carta-testamento e falam de sua chegada ao céu. Só sobre Vargas coletamos vinte e sete folhetos (SOUZA, 1976, p. 81).

Vivendo de folhetos destinados aos pobres, vários poetas escreveram mais de um cordel noticioso ou fantasioso sobre a morte do presidente, e a comoção gerada elevou as tiragens. A tiragem inicial média foi 10.000 exemplares, sendo que Delarme Monteiro da Silva vendeu 40.000 ou, segundo outras versões, 70.000 em três dias. As maiores vendagens registradas foram de Azulão (200.000 exemplares) e Antonio Teodoro dos Santos (280.000), e o total de exemplares vendido no período por todos os cordelistas deve ter sido de um milhão de exemplares, segundo estimativas de Raymond Cantel (LESSA, 1973, p. 120-121; CANTEL, 1972, p. 5; ZUMTHOR, 1980). Mas a questão não foi apenas comercial, pois envolveu também as emoções dos cordelistas e do público. Rodolfo Cavalcante, em Salvador, comenta que “A morte de Getúlio foi no dia 24 de agosto de 1954, comecei a vender o folheto no dia 27... tinha filas na frente de casa, filas de revendedores, vendi 64 milheiros em duas semanas, foi o momento em que tive mais emoção como trovador.” (KUNZ, 1980, p. 224). O próprio Antonio Teodoro, em outro cordel escrito décadas depois (em 1987), representa o ambiente de divulgação dos folhetos e seu efeito sobre o público, nas praças, mobilizando e reforçando a comoção popular (Cf. CABRAL, 2008, p. 129-130):

Mais de trezentos poetas
 Pelo país escreveram
 Folhetos sobre a tragédia
 Que os brasileiros sofreram
 Esses livros aos milhares
 Muitos milhões de exemplares
 Milhões de pessoas leram
 Nas feiras e praças públicas
 Lugares que houvesse gente
 Os livros eram vendidos
 E lidos rapidamente
 Contando num só sentido
 Como havia acontecido
 A morte do presidente

Após aquela leitura
 Muitas pessoas choravam
 Sofrendo desenganadas
 Enquanto outras desmaiavam
 No meio das emoções
 Num mar de desilusões
 Sem esperança acordavam

Após o suicídio, três ondas de produção de cordel sobre o presidente se sucederam no país. Logo no dia 24 de agosto surgiram aqueles que buscaram sair na frente da notícia e comoção e, por isso mesmo, com informações um tanto incompletas, que ouviam pelo rádio ou liam nos jornais. Delarme Monteiro da Silva, por exemplo, “ouviu a notícia pelo rádio, sentou-se na sua banca, redigiu seu primeiro folheto, que à tardinha estava na rua”, enquanto outros como Joaquim Batista de Sena e Antonio Fernandes de Nóbrega se lamentaram por não poderem aproveitar a onda de comoção imediata (LESSA, 1973, p. 120). Depois, aqueles cordéis que saíram nos dias seguintes, mais ricos em detalhes e fatos novos, que buscavam manter a persistência da emoção, voltando à carga após o primeiro folheto que vendeu bem,

inclusive com o expediente de colocar a data de publicação anterior à que efetivamente ocorreu. Por fim, com a persistência da comoção e da tensão política nos meses seguintes, que levou à procura sobre o tema se manter em alta, a produção dos cordelistas se voltou à diversificação, escrevendo sobre a vida e os feitos de Getúlio Vargas. Ou seja, “é nesse estágio que se desenvolve realmente a exploração consciente de um tema que deve toda sua força de sugestão à qualidade excepcional da emoção engendrada pela morte do herói” (CANTEL, 1972, p. 13; LESSA, 1973, p. 120-121).

Até o momento não temos notícia de que algum cordelista se colocou contra ou criticou Getúlio Vargas. A esmagadora maioria, se não a totalidade, se posicionou a favor do presidente que se suicidou, revelando uma predileção política da categoria em prol do trabalhismo varguista, seja por convicção ou conveniência. Qualquer que seja a motivação, a atuação dos cordelistas ocorreu no sentido de aguçar tendências de representar Vargas no cordel que se avolumaram após o fim do Estado Novo e tiveram o ápice no episódio do suicídio. Primeiramente, os cordelistas evocaram o imaginário difundido quando ele estava vivo, “Pai dos Pobres”, defensor dos trabalhadores e do povo brasileiro contra os “tubarões” gananciosos, frequentemente citando suas realizações e legados positivos. Um exemplo aparece nos versos de Antonio Teodoro dos Santos, no folheto “Vida, tragédia e morte do presidente Getúlio Vargas”: “Assim lamentavam todos / que se lembravam de Vargas / Com suas leis trabalhistas / Tirando as pesadas cargas / dos ombros dos operários / Adoçando com salários / As suas dores amargas.” (Cf. CABRAL, 2008, p. 29)

Sobrepondo-se a essa representação, a morte levou Vargas a ser comparado com Jesus Cristo, quem foi traído, perseguido e humilhado injustamente, e ofereceu a própria vida em sacrifício para salvar o país. Tal relação era uma forma de atenuar o pecado do suicídio, dando-lhe um sentido sacrificial coletivo. Rodolfo Coelho de Cavalcante, em “A morte do grande presidente Getúlio Vargas”, é um dos mais explícitos: “Como o Cristo ofereceu / O seu corpo à Nação / Derramou seu próprio sangue / Ferindo seu coração / Todo povo brasileiro / Tem-lhe toda gratidão” (CAVALCANTE, 1954, p. 2). Completam essas referências míticas a representação que vários cordelistas fizeram da repercussão cósmica da morte de Getúlio, afetando a própria natureza ou o sobrenatural. Exemplos do primeiro aparecem no poeta Minelvino, de Itabuna, que escreve: “No dia que Getúlio Vargas / no Rio se suicidou / Houve um silêncio na terra / o mundo todo mudou / o vento ficou parado / o firmamento nublado / até a chuva estiou” (LESSA, 1973, p. 116). Os impactos sobrenaturais aparecem nos folhetos sobre a chegada de Getúlio no céu, como um prêmio para sua atuação terrena em prol dos trabalhadores e, no seu julgamento, o suicídio sendo justificado pelas perseguições que enfrentou⁴.

4 Pelo menos cinco cordelistas se dedicaram ao tema: “Permínio Valter Lório (‘A chegada Festiva de Getúlio no Céu’), Cuíca de Santo Amaro (‘A chegada de Getúlio no Céu’), Minelvino Francisco da Silva (‘A chegada de Getúlio Vargas no céu’), Pedro Alves da Silva (‘A despedida de Getúlio Vargas depois da carta com a chegada no céu e as passagens do fim do mundo’) e Rodolfo Coelho de Cavalcante (‘A chegada de Getúlio Vargas no céu e seu julgamento’).” Ver LESSA, 1973, p. 132.

CUÍCA E GETÚLIO

Fez parte do coro o cordelista de nome José Gomes (1907-1964) que, desde fins da década de 1930, utilizava o pseudônimo Cuíca de Santo Amaro. Era conhecido por vender cordéis noticiosos marcados, por um lado, pela denúncia aos problemas sociais e ataques ou elogios a políticos e, por outro, pela sátira de costumes com forte viés moralista, explorando com picardia o ridículo de fatos que lhe chegavam, aos ouvidos pelo rádio ou em conversas com informantes, ou aos olhos por jornais ou cartas, independente do estrato social. A depender do tema e dos alvos, Cuíca tinha problemas com a polícia, que apreendia os cordéis contrários à moral e aos bons costumes, ou apanhava das pessoas cujos feitos ou malfeitos eram divulgados pelo cordelista, por vezes após a negativa de chantagens dos alvos. Além do conteúdo dos cordéis, sua atuação em espaços públicos era espetacular, vestindo terno, chapéu e óculos escuros, portando cartazes com caricaturas das histórias, desenhados por Sinésio Alves. Atuava em locais de trânsito bastante movimentados da capital – praças, terminais de bonde, ônibus, trem e navio, ruas comerciais, feiras e mercados, elevadores – e do Recôncavo da Bahia, onde reunia grande número de espectadores, a maioria pobres e negros, que ouviam os anúncios das denúncias e dos recentes casos, escabrosos, extraordinários, picantes ou ridículos, que frequentemente os levavam às gargalhadas e a comprar os cordéis do poeta (CURRAN, 1990; MATOS, 2004).

No período entre fins dos anos 1930 e fins dos anos 1970, Salvador se tornou o destino importante de um fluxo migratório, constituído por pessoas de baixa renda. No período, a cidade teve um crescimento demográfico inédito e vertiginoso, o maior de sua história: cerca de 290 mil pessoas em 1940 para 417 mil em 1950, 649 mil em 1960, 1 milhão em 1970 e 1,5 milhões em 1980. Sua população mais que quintuplicou em 40 anos, com taxas de crescimento em torno de 50% a cada dez anos (IBGE, s/d). Migrando sobretudo do Recôncavo, devido ao declínio do setor canavieiro e fumageiro, além do interior, por conta das secas, o principal afluxo foi de pessoas pobres baianas de origem rural, majoritariamente negras, com primário incompleto ou completo, e também analfabetos (SANTOS, 2008, p. 51-53; SOUZA, 1980, p. 103-123). Esse fluxo precedeu mas foi acirrado por conta da descoberta do Petróleo no Recôncavo e instalação de equipamentos da Petrobrás nessa região nos anos 1950, processo de modernização aprofundado nos anos 1960 e 1970 com a instalação do Complexo Industrial de Aratu e do Pólo Petroquímico de Camaçari. Assim, em um primeiro momento, o aumento populacional ocorreu em uma cidade que demorou mais de uma década para criar oportunidades de trabalho direto e indireto em diversos setores, inclusive operários e pequenos vendedores. Os efeitos desse processo no trabalho e na malha urbana foi comentado por Guaraci Souza:

É altamente provável, portanto, que no período de 40/60 tenha-se verificado um aumento do contingente de “excedentes de mão-de-obra” urbana, reproduzindo atividades organizadas em moldes não-capitalistas e acentuando o fenômeno alternativamente caracterizado como subemprego urbano, marginalidade social ou setor informal urbano. Uma boa indicação disto foi o surgimento e rápido crescimento, no período, de bairros de grupos sociais de baixa renda,

do tipo “favela” ou “invasão” (SOUZA, 1980, p. 107).

Essa população pobre com algum grau de alfabetização foi o público visado pelos compositores e vendedores de cordel em Salvador, embora várias pessoas das camadas médias e altas também os consumissem. Não foi casual, portanto, que Cuíca tenha mobilizado a denúncia social em seus cordéis, sobre questões que afligiam essa população pobre, e também repercutido os mitos em torno da figura de Getúlio Vargas. Um importante indicativo é dado pelo principal editor de cordéis do período, João Martins de Athayde, em uma entrevista de 1944. Com base em suas informações, o jornalista comentou que, na Bahia, terceiro maior mercado consumidor (atrás de Pernambuco e Rio Grande do Norte), “os folhetos de Ataíde podem ser encontrados no Mercado Modelo, donde se espalham para todo o Estado, principalmente para o recôncavo, que é a zona mais interessada na literatura de cordel” (ATHAYDE, 1944, p. 3).

Antes de compor seus próprios folhetos, Cuíca trabalhou como revendedor ambulante de cordéis editados por Athaíde e distribuídos pela banca “A Pernambucana”, de Nigro do Amaral Silva, que funcionou no Mercado Modelo de 1925 até os anos 1970. No início de sua carreira como profissional (MATOS, 2004, p. 23 e p. 70-72), Cuíca aproveitava o vapor e os trens para vendê-los também nas cidades do Recôncavo, embora os habitantes da região pudessem adquiri-los quando estivessem em trânsito por Salvador. Além disso, os cordelistas e vendedores ambulantes de cordel também compunham a referida camada trabalhadora atuando no setor informal urbano. Foi nessa época (1945) que o cordelista alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante se estabeleceu na capital baiana, para onde ocasionalmente também vinham, de Sergipe, os cordelistas João Baraúna e Manoel d’Almeida Filho, dividindo os espaços públicos, como a Praça Cairu, com cordelistas baianos, sendo Cuíca de Santo Amaro o mais conhecido (WANKE, 1983, p. 118 e ss.).

Dentre os cordéis políticos de Cuíca de Santo Amaro, Getúlio Vargas foi uma das personalidades mais exaltadas, um verdadeiro ídolo, que escreveu folhetos tematizando e normalmente defendendo o político gaúcho (MATOS, 2004, p. 90-92). Vários dos títulos publicados sobre ele ou sobre sua atuação, entre a saída da presidência em 1945 e seu suicídio, indicam o teor elogioso: “O regresso de Getúlio”, “A chegada de Getúlio à Bahia”, “A volta de Getúlio à sua Terra Natal”, “Getúlio volta ao Gramado”, “Deus no céu e Getúlio na Terra”, “O que dizem de Getúlio”, “Salve Getúlio Vargas!”, “A volta de Getúlio ou a marcha triunfal”⁵. Na contracapa de alguns folhetos, Cuíca chegou a conferir tintas explicitamente religiosas ao tom de louvação, visando a mobilizar as crenças dos leitores, como na “Oração do Getulista”, uma paródia do credo católico em que Getúlio figura como Deus e Jesus Cristo, que começava assim: “Creio em Getúlio Vargas, todo poderoso, criador das leis trabalhistas, creio no Rio Grande do Sul e no seu filho, nosso patrono o qual foi concebido pela Revolução de 30 (...)” (Cf. CURRAN, 2003, p. 128).

Edilene Matos aponta como a relação de Cuíca transcendia a escrita dos cordéis, com elementos de admiração, projeção, mobilização da fama do presidente no espaço público,

5 Destes só temos acesso aos dois primeiros. Os outros constam nas listas elaboradas por MATOS, 2007; CURRAN, 1990.

como propaganda e autopromoção:

É bom que se esclareça a grande ligação de Cuíca com Getúlio Vargas, com quem se identificava na condição de líder do povo que também era. A admiração de Cuíca extrapolou a pura louvação do folheto e enraizou-se na sua própria conduta. Quando o presidente Getúlio – de quem o poeta afirmava ser compadre e receber correspondência – esteve na Bahia, ganhou de Cuíca uma estatueta em gesso moldada com sua figura, cuidadosamente encomendada. Para conseguir chegar junto ao presidente e presentear-lo, o poeta malandro e astucioso furou o cerco de segurança e conta que abraçou demoradamente seu ídolo, de quem recebeu elogios e agradecimentos pelo apoio constante e fiel, e a quem prometeu plena divulgação da proposta de governo (MATOS, 2004, p. 92).

E comenta a reação de Cuíca após o suicídio do presidente:

O suicídio de Getúlio abalou muito o poeta que, mal acordava, se punha a ouvir os noticiários nas várias emissoras de rádio, antes de sair à rua e difundir seus inflamados comentários. No dia 30 de agosto de 1954, foi assistir à missa de sétimo dia pela morte de Getúlio, que ele próprio tinha encomendado, na Igreja de Santa Luzia, na parte baixa da cidade, tendo então distribuído santinhos com o retrato do presidente e uma pequena oração (MATOS, 2004, p. 92-93).

Nos meses após a morte de Getúlio, Cuíca lançou pelo menos três folhetos relacionados ao tema: “O testamento de Getúlio”, que analisaremos a seguir, “O Suicídio do Maior Brasileiro”⁶ e “A chegada de Getúlio no Céu”. O segundo provavelmente foi um dos primeiros a ser escrito, no calor das primeiras ondas e dos acontecimentos após o suicídio do presidente, e o último seguiu um velho macete dos trovadores, o de “conduzir seus personagens, as grandes figuras de atração popular, aos castigos do inferno ou às delícias do céu”, descritos em termos de sertão e Nordeste (LESSA, 1973, p. 131). Cuíca narra a chegada de Getúlio ao céu, onde vê amigos à espera como Francisco Alves, Roosevelt e Noel Rosa, conta a Jesus sua história, suas atribulações, explicando as razões de sua extremada atitude e acusa várias pessoas, parentes inclusive, recebendo do Cristo uma promessa de vingança. Segue, portanto, as tendências mais amplas acerca da representação de políticos estimados que são características dos cordelistas, na qual “o céu subjacente das narrativas sobre a morte ou do pós-morte dos homens públicos, de maior destaque na cena política nacional, é apresentado como um ambiente tranquilo em que as articulações e acordos se mantêm” (LIMA, 2020, p. 195).

Outros cordéis políticos do poeta, lançados nos anos seguintes, continuaram a fazer referência a Getúlio e seus feitos, tomando-o como parâmetro máximo de moralidade política e dirigente preocupado com o povo. Em “Quem será o presidente?”, escrito no contexto das eleições de 1955, contrasta o legado do ex-presidente para o povo aos candidatos do pleito. Cuíca voltou a mobilizar o tema da morte em “O Espírito de Getúlio baixou na sessão”, no qual o autor recorre aos preceitos religiosos espíritas ao ficcionalizar como teria testemunhado uma

⁶ Este título consta na listagem de cordéis de Cuíca elaborada por Edilene Matos, provavelmente também sobre a morte de Getúlio. Mas não temos maiores informações sobre esse cordel. MATOS, Edilene. *Ele, o tal: Cuíca de Santo Amaro*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2007, p. 74.

médium receber um texto psicografado vindo de Getúlio, cujo texto contrasta as ações do seu governo a fim de criticar os feitos do presidente Juscelino Kubitschek. Em todos esses folhetos citados, e nos paratextos como a “Oração do Getulista”, Getúlio é tomado como um duradouro mito político, um “modelo exemplar do que deve ser e fazer a autoridade presidencial, isto é, a autoridade política máxima do país” (GOMES, 1998, p. 532).

O que torna marcante o folheto “O testamento de Getúlio” de Cuíca é o fato de expressar melhor o “lado vingativo nas respostas dos poetas à morte [de Getúlio]” (CURRAN, 2003, p. 137), levando adiante certa tendência de desforra já presente em “A Chegada de Getúlio no Céu”. Fazendo coro com outros cordelistas que publicaram após o suicídio, Cuíca também representa Getúlio como um herói do povo brasileiro que fora traído pelos seus inimigos. Porém, diferentemente deles, o tom não foi de lamento ou puro ataque, com associações diretas de Getúlio a Jesus Cristo, pois sua raiva foi expressa através da sátira humorística. Até onde temos notícia, Cuíca provavelmente foi o único cordelista a mobilizar o humor nesse contexto, e o fez de uma maneira bastante peculiar. Embora o título “O testamento de Getúlio” faça referência direta à famosa Carta-Testamento de Getúlio Vargas, sua forma e estrutura não ecoam ou parafraseiam o conteúdo da carta, como fizeram outros cordelistas do período, a exemplo de Francisco Sales, João Ferreira de Lima, Expedito Sebastião da Silva, José de Santa Rita Pinheiro Nogueira (LESSA, 1973, p. 122-124; CABRAL, 2008, item 3.4). A matriz do folheto de Cuíca são os testamentos jocosos.

CUÍCA E A HERANÇA DOS TESTAMENTOS JOCOSOS

Os testamentos jocosos parodiam um traço importante e até solene do direito desde os romanos, o triângulo testamento-morte-herança (atribuída a alguma pessoa ou grupo por determinado motivo), como ocasião para o riso, frequentemente com funções satíricas. Remontam aos testamentos de animais como o porco, cantado aos risos pelos estudantes romanos no século IV d.C., mencionados por S. Gerônimo. O do asno, que utiliza o anterior como fonte, existe pelo menos desde o século VII ou VIII, se difundiu no século XIII, integrando o vasto repertório humorístico dos monges jocosos, que parodiavam risonhamente aspectos da religião (BAKHTIN, 1987, p. 74; TEIXEIRA, 2017). Em Portugal e no Brasil, do século XVI ao XX, o gênero oral se prestou a sátiras religiosas e de costumes, inicialmente em festejos ligados à Quaresma, incluindo os testamentos de Judas, além de testamentos de animais e personagens malandras (CASCUDO, 1939, p. 53-58; MARQUES, 2014, p. 95-100; TEIXEIRA, 2017).

O gênero dos testamentos jocosos passa a integrar a literatura de folhetos brasileira na segunda metade do século XIX, inspirada na enxurrada de testamentos portugueses sobre animais. Luna e Silva analisa um folheto, que provavelmente está entre as primeiras publicações no gênero no país, o “Testamento que faz um macaco especificando suas gentilezas, gaiatices, sagacidade, etc.” (Recife, 1865), cotejando-o com o “Testamento do gallo augmentado com o Testamento da gallinha” (Lisboa, 1861), em que características animais são usadas para abordar comportamentos humanos, respectivamente em tom irreverente ou moralista (LUNA E SILVA,

2010, p. 74-80). Os testamentos dos bichos estavam entre as maiores predileções populares da capital federal no início do século XX, como aponta João do Rio, de maneira nada simpática, ao investigar as publicações mais vendidas entre os livreiros das ruas cariocas. Indigna-se contra a persistência deste gênero cômico e de outros mais heroicos, de crimes ou sensacionalistas, segundo ele importados de Portugal e que circulavam no Rio pelo menos desde 1840 (RIO, 1995, p. 48-49). Os livreiros informam a João do Rio que os testamentos ainda eram bastante procurados, com tiragens muito superiores às obras dos renomados literatos nacionais (RIO, 1995, p. 50). Foi essa persistência de gosto e predileções dos leitores das camadas populares brasileiras pelos testamentos que, na mesma época, levou Leandro Gomes de Barros a atuar no gênero, já como autor de folhetos profissional em Pernambuco. Publicou “A Vida de Cancão de Fogo e o seu testamento”, contando as peripécias de um finório ladrão que engana um juiz e um escrvão no leito de morte; e, na linha dos testamentos dos bichos, lançou “O Dinheiro, ou o testamento do Cachorro”, que conta como um cachorro de um inglês foi enterrado na igreja após deixar em testamento vultosa soma ao bispo e ao vigário, satirizando a venalidade do clero (MARQUES, 2014, p. 95-100).

Também é possível rastrear testamentos políticos no século XIX. Em Portugal, um dos vários exemplos satíricos é o “Testamento que fez o D. Quixote da França”, datado de 1813, com referência direta às invasões de Napoleão Bonaparte, ou, após a revolta Liberal do Porto, em prosa, o crítico “Testamento que fez à hora da Morte a Ilustríssima e Excelentíssima Senhora D. Constituição”, de 1823 (TEIXEIRA, 2017, p. 190-197). No Brasil, Câmara Cascudo menciona o testamento de figuras políticas em fins do XIX, como o testamento do político Joaquim Apolinário de Medeiros, de 1886, transmitido pela mãe do autor e ainda lembrado por ele em 1939 (CASCUDO, 1939, p. 53-58). Até sobre a história de Vargas há precedentes nos folhetos do Rio, com o “Testamento d’Ele” ou “Testamento de Gegê”, publicado por Camaleão em 1945, e composto em quadras, distanciando-se da tradição nordestina (DIEGUES JÚNIOR, 1973, p. 14).

Cuíca se apropria das antigas formas orais e das transposições escritas desse gênero jocoso, especialmente os testamentos de Judas, ainda persistentes em Salvador do período. O memorialista soteropolitano Geraldo Leal, referindo-se aos anos 1930, informa que os testamentos de Judas impressos e vendidos por gráficas eram aguardados pelos que festejavam o Sábado de Aleluia. Folhas com o texto eram colocadas no bolso da calça do boneco representando Judas, e sua leitura pública era feita à noite, em uma das ruas dos bairros, antes da malhação do boneco. Entre as características do testamento, eram anônimos, “quase sempre grotesco, sem métrica e, às vezes, terminava em pancadaria”, além de “sempre atacavam políticos, negociantes desonestos e outras motivações” (LEAL, 2000, p. 163). O mesmo memorialista registra que, nessa década, antes de compor cordéis, José Gomes, condutor de bondes e tintureiro no Largo de Santo Antonio, também era conhecido nas redondezas por compor testamentos de Judas (LEAL, 2000, p. 70).

Duas décadas mais tarde, Carlos Ott registrou dois jocosos testamentos de Judas, compostos em quadras, que circulavam em Salvador durante a Quaresma, um deles adaptado aos bairros da cidade. Comenta Ott que este último “é um desses testamentos de Judas,

impressos numa folha verde, com a figura de Judas enforcado numa árvore no meio que no sábado de aleluia se distribuem nas ruas e nos bondes”. Tinha tanto legados positivos, como “Em primeiro lugar / À miss do Ferreira Santos / Deixo um apertado abraço / E o meu livro de cantos”, e outros negativos, com tiradas satíricas voltadas a pessoas conhecidas de bairros da cidade, como “Às mateiras da Liberdade / Que são muito arruaceiras / Por tanta Barbaridade / Deixo minhas velhas esteiras”, ou satirizando profissões: “Motorneiros, condutores / Inspetores e fiscais, / Metidos a grans senhores / [deixo] Os meus sujos enxovais”, ou então “Enfim para os taverneiros / Que ao povo vive explorar / Deixo um xadrez no inferno / Para os seus crimes pagar” (OTT, 1957). Ao relacionar pessoas ou grupos ao legado devido, as alusões a pessoas e referências ou estereótipos sobre os bairros e profissões oscilam entre deboches brincalhões e irrupções de ressentimentos sociais arraigados, em um tom próximo ao que Cuíca mobilizou em seu folheto.

Cuíca constrói seu texto com essa referência formal, fazendo uma paródia política dos testamentos de Judas, pressupondo o contexto festivo satírico que era familiar à população soteropolitana. Ao invés de composto em quadras, o “Testamento de Getúlio”, de Cuíca de Santo Amaro (em anexo), segue o formato nordestino. É um folheto de 8 páginas, capa ilustrada com rosto de Getúlio, e 8 páginas com 32 estrofes de seis versos, sextilhas que rimam o 2º com o 4º e 6º verso. Ao contrário de grande parte dos folhetos políticos de Cuíca, que geralmente trazem uma narrativa, “O testamento de Getúlio” segue a forma dos testamentos jocosos. A maior parte das estrofes apresenta a herança ou heranças do morto a uma pessoa, junto com os motivos do legado e às vezes características do herdeiro. Embora não haja continuidade de uma estrofe a outra, tornando cada estrofe semelhante a uma piada, é possível perceber um andamento.

Se a referência e o chamariz maior do título é a morte de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954, o conteúdo do testamento faz referência direta a outros eventos políticos próximos, separados por poucos meses: o atentado da Rua Tonelero (em 5 de agosto), a pressão e campanha dos opositores pela renúncia de Vargas (que durou até o suicídio), e as eleições de 3 de outubro, as quais, na Bahia, elegeram senadores, deputados federais e estaduais, governadores, prefeito e vereadores. A eles mais ou menos correspondem as partes do folheto: uma introdução de praxe, com 3 estrofes, que trata como “o grande Getúlio Vargas” deixou um testamento; 7 estrofes contra personagens do atentado da rua Toneleiro; 10 estrofes com personagens da política nacional (3 familiares, 4 opositores e 3 aliados); 8 estrofes seguintes sobre políticos baianos, atuantes no Rio e na Bahia; e, mais ao fim, 4 estrofes com legados para sete grupos sociais (aqui, em algumas estrofes, Cuíca se refere a mais de um grupo).

Este andamento, com partes bem marcadas do folheto orientadas a eventos distintos, parece indicar que elas foram escritas em momentos diferentes. Outro detalhe, que pode evidenciar uma escrita fragmentada, é a mudança da voz a partir da 12ª estrofe: da 3ª pessoa ([Getúlio] deixou para...) para a 1ª do singular (deixo para...), quando encerra as estrofes referentes às personagens envolvidas no atentado a Lacerda. Outro indício de uma escrita rápida para divulgação, com reaproveitamento de versos, é a repetição da expressão “se não

estou enganado” em dois versos de estrofes iniciais (5ª e 6ª), referentes a Climério e Alcino, executores do atentado da rua Toneleiro, uma hesitação que pode indicar que Cuíca ainda não estivesse plenamente informado sobre o caso quando os redigiu. Reforça essa impressão a própria capa do folheto, elaborada para pedir votos na campanha do PTB às eleições de 1950, aqui foi reaproveitada para noticiar a morte de Getúlio. O reaproveitamento de imagens de capas para cordéis de assuntos diferentes era uma prática comum de Cuíca e também de Rodolfo Coelho Cavacanti.

De qualquer forma, esse testamento sintetiza as posturas políticas presentes nos folhetos políticos de Cuíca: elogia políticos e personalidades, ataca satiricamente seus adversários e adversários de quem ele simpatiza, vocifera contra as agruras causadas pela elite política e econômica ao povo e aos trabalhadores, ao lado dos quais o poeta se alinha. Podemos perceber essa síntese através da análise da distribuição da herança, em uma escala de sete categorias, que vai da extrema punição até os prêmios duradouros, com quatro legados negativos e três positivos (ver a esquematização no apêndice).

Neste cordel, os mais duradouros ganhos vão para o “povo brasileiro”, que recebe as Leis Trabalhistas”, e para “todo trabalhador”, que recebe direitos e um Ministério do Trabalho para fazer valê-los. Esse legado se nutre e reforça a imagem de Getúlio como comprometido com o povo e a classe trabalhadora, afirmada nas primeiras estrofes, e, por extensão, a de Cuíca como sua voz. Abaixo dela estão os prêmios decorrentes da eleição de outubro de 1954, mais passageiros, para figuras da grande política baiana às quais Cuíca se mostra simpático: o governador Antônio Balbino, os senadores Juracy Magalhães e Lima Teixeira, o prefeito de Salvador Hélio Machado. Acaba sendo uma forma de Cuíca noticiar pelo cordel o resultado das eleições, de maneira comentada e se posicionando. Nessa categoria se enquadram também outros prêmios, como o prestígio político do governador que deixa o cargo, pois o legado para Régis Pacheco faz referência a uma marcante realização de seu mandato, o início da construção da hidrelétrica de Funil, no interior baiano. O prêmio econômico, como o cofre da nação, é dado a duas classes conectadas, aos candidatos e marreteiros, para pagar dívidas de campanha. A inclusão dos marreteiros, aqui no sentido de trapaceiro, dota esse legado de ironia a respeito das práticas eleitorais. As ironias abundam no item a seguir, que contém prêmios irrisórios ou jocosos, legados a aliados e opositores: João Goulart recebe uma nota escrita incitando-o a deixar a política, Caiado de Castro um alazão “para cair fora”, Benjamin Vargas os selos da nação “para as horas amargas”, Simões Filho uma barba postiça e um bode (para aumentar a mamata), Juarez Távora a Casa da Moeda para que a defenda, e Góes Monteiro a adega de Getúlio.

Os legados negativos também podem ser dispostos em uma escala. No primeiro grupo estão aqueles legados que atingem o psicológico dos herdeiros. À mulher de Vargas, Darcy, embora elogiada, Cuíca deixa “as minhas tristezas”, o que leva a construção da imagem neutra apesar do prêmio negativo. Já em relação às duas outras personalidades a ambiguidade desaparece, pois ambos se ligam indiretamente ao crime da rua Toneleiro: a Lutero Vargas, filho do presidente, é legado o fantasma desse evento, pois à época ele chegou a ser apontado

como mandante do crime; e Eduardo Gomes, candidato contra Vargas duas vezes derrotado, também envolvido nas investigações da Aeronáutica, legou a imagem da sua caveira. Em outro grupo de herança, esse aspecto macabro é levado às vias de fato, com legados sugerindo uma pena radical, a morte dos herdeiros: a Climério é deixada “a porta do cemitério aberta”, a Manhães “aquele velho revolver”, ao Euvaldo Lodi “uma garrafa de veneno”, ao Valente “um bom osso / e a minha velha espada / para cortar-lhe o pescoço”, ao Mangabeira “um frasco de formicida / para ele se matar / e a minha velha cova, para ele se enterrar”, e ao Joel Presídio “um atestado de óbito e uma velha sepultura”. Os três primeiros foram indiciados por no Inquérito Militar Policial referente ao atentado da rua Toneleiro, um deles com participação direta. Os outros participavam da política baiana: Joel Presídio era deputado estadual pelo PTB, enquanto Octávio Mangabeira, ex-governador, era um histórico adversário de Getúlio Vargas que também protagonizou a campanha pela sua renúncia ou para sua deposição. Em outro grupo, mais diverso, a pena é menos radical, traz algum prejuízo social mais amplo. Aos envolvidos no atentado, por causa da traição, ficam a prisão e julgamento, como a Gregório (“grades do Galeão”) e Mendes de Moraes (“ficará o tribunal”). Ao vice-presidente udenista Café-Filho, pela conspiração e sucessão, ficam “as dívidas da Nação”, um grande problema. Os dois últimos prejuízos sociais se destinam a classes, os derrotados na eleição, que legam o “exílio no estrangeiro”, e os Tubarões, aos quais restam os castigos do Ministério do Trabalho. Por fim, o último grupo de heranças é integrado por quem provocou as maiores desgraças a Getúlio Vargas, que recebem punições sobrenaturais, em proporções diferentes: ao pistoleiro Alcino, quem matou Eduardo Vaz, fica “a maldição”, e ao jornalista Carlos Lacerda, feroz opositor de Vargas, “por ordem do Pai Eterno” ficaram “as caldeiras do inferno”.

O HUMOR NO FOLHETO “O TESTAMENTO DE GETÚLIO”

A fantasia da distribuição da herança de Getúlio permite a Cuíca fazer algumas coisas. Primeiro, reafirmar o mito de Getúlio Vargas como “Pai dos Pobres”, “Amigo do Povo”, expresso pelos seus legados e também pela caracterização do ex-presidente como “grande”, “brasileiro cem por cento”, “espírito muito forte”. Essa imagem que o próprio Cuíca se arroga ao se tornar, pelo texto, a voz das aspirações do presidente suicidado, fazendo com que o movimento de legitimação entre o mito e o cordelista seja de mão dupla. Segundo, elogiar os vencedores da eleição de outubro de 1954 por quem nutre alguma simpatia ou talvez almeje favores, promovendo-os junto ao público local. Terceiro, atacar aqueles que prejudicaram Vargas, seus adversários políticos e a quem o próprio Cuíca nutre antipatias, integrando, aproveitando e mobilizando o sentimento geral de indignação pela morte do ex-presidente. Para funcionar junto ao público, cada aspecto acima elencado necessita de exigência crescente de familiarização com o contexto da época: a imagem de Getúlio e sua ligação ao trabalhismo era conhecida há duas décadas, fazendo com que a referência seja compreendida quase imediatamente. Os resultados das eleições e suas repercussões deveriam estar na ordem do dia e faziam parte do noticiário e da vida política soteropolitana de fins de 1954. Já o rol dos nomes envolvidos nos

escândalos, das inimizades e antipatias de Vargas e Cuíca exigia familiaridade do ouvinte ou leitor com a dinâmica política do noticiário nos meses precedentes para serem compreendidos, sendo que, em alguns dos legados relatados no folheto, tal familiaridade devia ser estendida à cultura política do período.

Uma parte do humor no folheto requeria essa familiaridade. Primeiramente, aquele marcado pelas ironias, melhor exemplificado no legado a Góes Monteiro: “Ao amigo Góis [sic] Monteiro / Eu sei que ele não nega / Como já está usado / Não pode fazer mais piega / Deixo pro seu governo / A chave da Minha adega”. Aqui há referências à atuação de Góes junto a Getúlio em fins dos anos 1930, a reconciliação nos anos 1950, a idade e problemas de saúde e, principalmente, sua relação com a bebida, motivo de zombarias e piadas, que Cuíca mobiliza para compor o gancho final do verso. Alguma familiaridade seria também requerida para entender os legados negativos, relacionados à oposição de figuras políticas a Getúlio, como Eduardo Gomes “Por querer minha cadeira”, referência às suas duas derrotas nas eleições de 1946 e 1950; a todas aquelas pessoas envolvidas no episódio do atentado, ou Café Filho, que herdou “as dívidas da Nação”, em referência aos problemas econômicos do governo Vargas. Mesmo as pessoas que não são abertamente alvejadas, ou próximas ao ex-presidente, podem ensejar humor pela situação, como é o caso de João Goulart, que recebe uma recomendação para sair da vida política, ou Caiado de Castro, que recebe um alazão para fugir. Nesse caso, a referência é feita à crise política e institucional, com uma situação futura negativamente percebida e projetada por Cuíca, se tornando engraçada por ser o contrário das atitudes esperadas de líderes políticos ou militares.

Porém, mesmo a quem escapasse esses subentendidos poderia desfrutar do humor do cordel, que se manifestava nas palavras usadas no texto. É nesse nível que funciona o direcionamento de Cuíca contra as pessoas e constrói imagens acerca delas, fossem elas conhecidas publicamente ou não. Primeiramente, Cuíca relaciona nomes dos herdeiros a atributos, disposições e ações que caracterizam, para o ouvinte, de maneira jocosa, sua pessoa, abertamente ofendendo-as. Como exemplo de características, algumas forçadas para caber na rima, o deputado Euvaldo Lodi é apresentado como “ganancioso” ao achar que “seu lucro era pequeno”, Alcino como “sujeito cretino”, Climério “jamais teve critério” e Góes Monteiro “já está usado” (velho). Com disposições emotivas exageradas aparecem Mangabeira “só por ele me odiar”, e Joel Presídio “pela sua bravura / e viver ofendendo / toda e qualquer criatura”. Dentre as ações mais citadas, que depõem contra o caráter de quem as executa, está a traição, referenciada contra Gregório “para o mesmo pagar o preço da sua traição”, Mendes de Moraes “o qual eu fiz general / e depois me traiu”, e o próprio filho Lutero Vargas. Para aqueles familiarizados com a tradição católica e/ou dos testamentos jocosos, poderiam associar essas personagens à figura bíblica de Judas Iscariotes, cuja traição levou os inimigos fariseus a crucificarem Jesus, aqui associado a Getúlio. Essa era um dos talentos de Cuíca, pelo qual ficou notabilizado, o de utilizar as palavras com sentido ofensivo porém engraçado, para criar uma disposição social acerca de uma determinada pessoa.

Outra fonte da sátira do texto está no teor exagerado de algumas heranças. A morte

aparece abundantemente, através de metonímias que se referem a objetos usados para matar (revolver, espada, veneno, formicida), substantivos que evocam imagens associada à morte (caveira, ossos, cemitério, fantasma, cova, sepultura, atestado de óbito) e verbos ligados ao morrer (se matar, se enterrar, cortar o pescoço). A Otávio Mangabeira é legado “um frasco de formicida / para ele se matar / e a minha velha cova / para ele se enterrar”, a Joel Presídio “um atestado de óbito / e uma velha sepultura”, a Euvaldo Lodi “deixou como lembrança / uma garrafa de veneno”, a Valente “(...) um bom osso / e a minha velha espada / para cortar-lhe o pescoço”, e a Climério “deixou também aberta / a porta do cemitério”. O efeito satírico, humorístico, advém do contraste entre os versos nos quais nomeia e caracteriza o herdeiro e esse legado macabro. Tais legados negativos funcionam como forma de desforra, compensando simbolicamente a injustiça do suicídio de Vargas, direcionando aos alvos a raiva pela perda do líder querido, fazendo alguns adversários pagarem na mesma moeda. À semelhança dos outros cordelistas nordestinos, Cuíca mobiliza para seu riso símbolos macabros, expressos em imagens concretas, alguns longamente presentes na cultura das camadas pobres da população. Ria ao pé da cova, empurrando os adversários e desafetos para dentro dela, em gesto de vingança.

Ao maior opositor político de Vargas no período é reservada a punição mais extremada possível: “Para o Carlos Lacerda / Incluir no seu caderno / Deixou-lhe Getúlio Vargas / Por ordem do Pai Eterno / Para este jornalista / As caldeiras do inferno”. É a única estrofe onde intervêm poderes sobrenaturais de maneira explícita e concreta, ecoando os dois mais importantes espaços e personagens do além-vida na concepção do catolicismo, especialmente o popular, à qual a maior parte da população brasileira era devota no período. Aqui a luta entre forças políticas ganha revestimento mítico, estendendo-se além da vida terrena, com Getúlio no Céu junto com Pai Eterno, (um eco do folheto A Chegada de Getúlio no Céu) e Carlos Lacerda com uma punição exemplar que perdura após a morte, uma dor pela eternidade sofrida de modo concreto, pelo fogo que queima a pele, no espaço dominado pelo Diabo. Mesmo quem não conhece Lacerda, tem a impressão que “esse jornalista” é a pior pessoa possível, execrável, impressão que aumenta quando se conhece sua atuação contra Vargas. Cuíca busca colar essa imagem nele a partir de significados religiosos cristalizados, conscientes ou inconscientes, que contrasta com a esfera política moderna. Tanto essa mudança brusca do plano discursivo quanto o flagrante exagero da imagem são fontes de humor.

Assim, em partes do cordel “O testamento de Getúlio”, o humor é construído pela mobilização e cruzamento de três dimensões: (1) a referência às circunstâncias políticas, colada aos personagens e eventos do momento, de historicidade rápida; (2) a mobilização de técnicas humorísticas mais universais, ambiguidade, gancho verbal, ironias, sobreposição de scripts, exageros etc.; (3) elementos culturais de longa duração, como as imagens e significados calcados no catolicismo popular brasileiro, suas referências macabras e religiosas. Se as circunstâncias e personagens oferecem a matéria-prima da ordem do dia para o cordel, serão o gênero do testamento jocoso e as imagens macabras e religiosas importantes recursos que transmutam o mero ataque em sátira. O gênero e as imagens introduzem o elemento de fantasia e o enquadramento a partir do qual as técnicas humorísticas serão empregadas, para lhes dar

o caráter de jogo, e também carregam significados socialmente valorados, que permitem ao leitor captar o padrão moral explícito e/ou subjacente (no caso, o trabalhismo) e a distância do assunto (legado) em relação a ele, positivo ou negativo. Tais referências culturais também permitem inferir o público-alvo de Cuíca, especialmente as camadas pobres de Salvador dos anos 1950, familiarizadas com o suporte, formato e gênero – o testamento jocoso publicado em um folheto nordestino com versos em sextilhas.

Se a própria estruturação do folheto como testamento já introduz um elemento de jogo e fantasia na relação de Getúlio com seus herdeiros fictícios, é na estrofe contra Carlos Lacerda que Cuíca dá um maior acabamento a essa construção. Aqui, o liberalismo de Lacerda e o trabalhismo de Vargas são transformados em polos políticos extremados (ignora-se o comunismo); em seguida a figura mitificada de Vargas e suas benesses aos trabalhadores transformam o trabalhismo na régua moral fonte de todo o bem do país; e, então, esse esquematismo político polarizado é traduzido em termos religiosos. O efeito da operação é triplo: a polarização política é dotada de um caráter cósmico, é revestida de imagens culturalmente arraigadas, e o campo semântico orienta a valoração – Getúlio é associado ao Céu e Lacerda ao Inferno. Vale para essa caricatura verbal de Cuíca aquilo que Gombrich comentou acerca da sátira pictórica: acredite o público literalmente no inferno ou o tomem metaforicamente como significando o mal ou culpa extrema, a imagem mobilizada tem eficácia por sua atuação semiconsciente ou inconsciente a partir de sua presença na linguagem e, por isso, se tornam manancial de motivos e estereótipos para os artistas, especialmente aqueles que desejam atacar a persona social de algum alvo (GOMBRICH, 2003). Desse modo, Cuíca associa a pessoas do cenário político local e nacional imagens cristalizadas que orientam e formatam conceitos e emoções de seus ouvintes e leitores. O poeta busca criar ou modificar as disposições de seu público através da fixação de representações aos nomes que menciona.

É importante lembrar que o uso do grotesco e do macabro, de referências religiosas e sobrenaturais, da ironia e elementos das circunstâncias estão presentes em outros poemas satíricos, de outros períodos, no qual Cuíca atacava políticos e outras categorias sociais. Porém, este cordel específico, que parece ter sido escrito em momentos diferentes de 1954 com uma distância de meses, foi publicado quando a produção cordelística nordestina já saíra do tom noticioso acerca do suicídio e explorava melhor os feitos e a vida do presidente, mesmo fazendo referência à sua morte. Então, com relativo atraso, voluntário ou não, em relação ao dinâmico circuito do cordel noticioso nordestino, a primeira e a segunda parte do testamento elaborado por Cuíca contribuem para a perpetuação satírica do sentimento de raiva e desforra. Um sentimento destilado pela população pobre logo após suicídio de Getúlio, a qual chegou a realizar ataques a pessoas e símbolos da oposição e as pessoas que prejudicaram o presidente, e alimentada pelos cordelistas profissionais ou amadores. Simbólica e satiricamente, Cuíca manteve a mesma postura em seu folheto, reavivando no público a memória dolorida das injúrias e das traições, com nome e sobrenome, contra um Getúlio já mais mitificado. Lembremos também que a referência aos testamentos de Judas evocava a familiaridade do público com um tipo de sátira comunitária cujo sentimento de raiva estava presente na malhação do boneco,

com sentido de expiação dos males pela morte de Cristo. Ao mesmo tempo, alguns legados irônicos parecem expressar a descrença do autor na política nacional, seu potencial como instância de mediação para conduzir os assuntos estatais e sociais, especialmente favorecer a população mais desamparada.

Na última parte do folheto as coisas aparecem de maneira diferente: a felicitação aos eleitos no pleito baiano e reafirmação da perenidade dos legados ex-presidente para proteger e beneficiar o povo e o trabalhador parecem expressar confiança no mito Getúlio Vargas (já feita inclusive por outros cordelistas) e na política regional, no testamento simbolicamente legitimada pelos elogios do presidente morto aos eleitos. Não por acaso nesta parte o humor reflui, sendo a sátira pessoal aplicada pontualmente a um desafeto regional (Joel Presídio) e dirigindo-se levemente a dois grupos, aos derrotados na eleição, por sua má fortuna, e aos tubarões, alvo da ação de Getúlio, o que reafirma a imagem de Pai dos Pobres. Apenas em uma única estrofe dessa parte Cuíca se vale da ironia, quando deixa o cofre da nação aos candidatos e aos marreteiros, ironia que parece uma piscadela no meio dos elogios, ao apontar e descortinar o funcionamento patrimonialista do sistema político.

CONCLUSÃO

À luz do que analisamos até aqui, talvez valha então a constatação de Mark Curran, segundo o qual “o testamento tal como descrito por Cuíca é cínico e amargo, e, deixa pouca esperança para o futuro” (CURRAN, 1990, p. 172). Ou, precisamente, um momento amargo, colado ao clima gerado pelo suicídio de Getúlio e ecoando suas dores e raivas, por meio sátiras pessoais que não visam corrigir mas sim destruir aqueles que prejudicaram o presidente, e de ironias que expressam descrença no sistema político e econômico. É seguido por um momento cínico, no qual se afirmam o mito Getúlio Vargas e as utopias trabalhistas, cujas sombras se projetam em um importante instante da democracia brasileira como as eleições, sem deixar de enxergar suas brechas nos objetivos subterrâneos daqueles que sempre lucram. De qualquer forma, é notável como o folheto “O Testamento de Getúlio” apresenta uma pluralidade de percepções e sentimentos, por vezes contraditórios, expressos por meio de recursos humorísticos, e sob diversas formas e artefatos culturais familiares a seu público, em diálogo com os processos históricos de meados dos anos 1950.

Acreditamos que analisar e contextualizar o cordel seja uma primeira contribuição de nosso texto, já que apresenta uma peculiar intervenção humorística acerca de uma crise política nacional, sua repercussão regional na Bahia, a partir de suportes e gêneros nordestinos, cujo conteúdo mobiliza formas culturais familiares e de grande repercussão entre as camadas pobres, ao lado do mito em torno de Getúlio Vargas. Essa análise também nos previne de desconsiderar a complexidade que pode estar presente em artefatos considerados “populares”, como o cordel, especialmente o cordel humorístico. Ao mesmo tempo, considerando o projeto mais amplo de uma história cultural do humor brasileiro e sua relação com o espaço público, permite mapear formas e matrizes humorísticas cuja trajetória se distingue embora

dialogue com circuitos hegemônicos de produção e circulação cultural, especialmente os grandes meios de comunicação de massa como a imprensa, cinema, o rádio e a televisão. E a perceber como a sátira áspera, amarga, permeada pelo macabro, grotesco, com referências e tendências mítico e religiosas, antecede as formas que emergiram com a internet. Ajuda a entender, portanto, caminhos, processos históricos, das representações, circuitos e usos do humor por mediadores culturais, inclusive em momentos de grande crise e comoção, onde menos esperamos que elas ocorram.

REFERÊNCIAS

AMARO, Cuíca de Santo. (pseud. de José Gomes). **O testamento de Getúlio**. s/l:s/d, 8p. [provavelmente Salvador: 1954] IN: BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da Literatura de Cordel. Natal: Fundação José Augusto, 1977, p. 226 (capa), 229-231 (texto).

ATHAYDE, João Martins. **“Cangaceiros e Valentões” (Entrevista a Paulo Pedroza)**. Diário de Pernambuco, Recife, 13 de janeiro de 1944, p. 3.

BAHIA, Secretaria de Cultura e Turismo. **Coordenação de Cultura. Antologia baiana da literatura de cordel**. Salvador: A Secretaria, 1997, p. 278.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1987

BAUM, Ana. (org.) **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BERGER, Peter. **Cômico como arma – La sátira**. In: BERGER, Peter. Risa Redentora: La dimension cômica de la experiência humana. Barcelona: Kairos, 1998 (1997), p. 255-281.

CABRAL, Geovanni. **Representações do Poder no corpus de folhetos de 1945 a 1954: leituras da “Era Vargas”**. Dissertação (Mestrado em História), Recife, UFPE, 2008

CANTEL, Raymond. **O uso de temas da atualidade na literatura do Nordeste: a morte de Getúlio Vargas**. In: Temas da atualidade na literatura de cordel. São Paulo: USP, 1972 (1967), pp. 4-31

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. S/l: Ediouro, s/d (1939)

CAVANCANTE, Rodolfo Coelho. **A Morte do Grande Presidente Getúlio Vargas**. Salvador, s.n., 1954, p. 2. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/DocReader.aspx?bib=Literatura%20>

de%20Cordel%20-%20C0001%20a%20C7176&PagFis=15343

CONDREN, Conal. **Satire and definition.** Humor, De Gruyter, 2012, v. 25, n. 4, 375-400.

CONDREN, Conal. **Satire.** In: ATTARDO, Salvatore (ed.) Enciclopedia of Humor Studies, v. 2, Los Angeles: Sage, 2016, p. 661-664.

CURRAN, Mark J. **A sátira e a crítica social na literatura de cordel.** IN: PROENÇA, Manoel C. Literatura Popular em Verso: Estudos. Tomo I. Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo Fundação casa Rui Barbosa. 1986; pp. 271-310

CURRAN, Mark. **Cuíca de Santo Amaro: poeta-repórter da Bahia.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1990

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel.** 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Ciclos temáticos na literatura de cordel. PROENÇA, Manoel C. **Literatura Popular em Verso: Estudos.** Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, pp. 1-152

FAUSTO, Boris. **Getúlio: o poder e o sorriso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006

FERREIRA, Jorge. **O carnaval da tristeza: os motins urbanos de 24 de agosto.** IN: O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e a cultura política popular 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp. 163-210.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica.** São Paulo: Cultrix, 1973.

GOMBRICH, Ernst. **Magia, mito y metáfora; reflexiones sobre la sátira pictórica.** In: Los Usos de las imágenes. Porto Alegre, Bookman, 2003, pp. 184-211

GOMES, Ângela de Castro. **A política brasileira em busca pela modernidade: na fronteira entre o público e o privado.** In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). História da Vida Privada no Brasil, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 489-558.

GOMES, Ângela de Castro. Introdução. In: GOMES, Ângela de Castro e HANSEN, Patrícia Santos (Org). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, pp. 7-37

IBGE. **População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010.** Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>

KUNZ, Martine. **Rodolfo Coelho Cavalcante: Poete populaire du nord-est bresilien.** These.

Univ. de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), U.E.R D'études iberique, 1982. Acervo Casa Rui Barbosa.

LEAL, Geraldo da Costa. **Salvador dos contos, cantos e encantos**. Salvador: Santa Helena, 2000

LESSA, Origenes. **Getúlio Vargas na Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Documentário, 1973

LIMA, Marinalva. **Loas que carpem: a morte na literatura de cordel**. João Pessoa-PB: CCTA, 2020

LUNA E SILVA, Vera Lúcia. **Primórdios da literatura de cordel no Brasil – um folheto de 1865**. Grafos, João Pessoa, v. 12, n. 12, dez/2010

MARQUES, Francisco Claudio Alves. **Um pau com formigas ou o mundo às avessas: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros**. São Paulo: Edusp, 2014.

MATOS, Edilene. **Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola**. Rio de Janeiro: Manati, 2004

MATOS, Edilene. **Ele, o tal: Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2007

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A literatura de cordel como patrimônio cultural**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, Brasil, n. 72, p. 225-244, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157058>. Acesso em: 16 fev. 2025..

OTT, Carlos. **Formação e Evolução Étnica da Cidade de Salvador (O Folclore Bahiano)**. Salvador: Tipografia Manu Editora, 1957, v. 2

RIO, João. **Os mercadores de livros e a leitura das ruas**. In: A alma encantadora das ruas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995 [1908], pp. 47-50. Disponível em: https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma_encant_ruas.pdf.

SALIBA, Elías Thomé. **Envolvidos na vida, nós a vemos mal? A sátira humorística nas crônicas de Lima Barreto (1907-1922)**. In: Crocodilos, satíricos e humoristas involuntários: Ensaios de História Cultural do Humor. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 67-80.

SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador**. 2ª ed. São Paulo: Edusp; Salvador: Edufba, 2008 [1959]

SEVCENKO, Nicolau. **Introdução: O prelúdio republicano**. In: História da Vida Privada no Brasil, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-48.

SOUZA, Guaraci. **Urbanização e fluxos migratórios para Salvador**. In: SOUZA, Guaraci. (org). Salvador de todos os pobres. Petropolis: Vozes / Cebrap, 1980, pp. 103-123

SOUZA, Liedo Maranhão de. **Classificação popular da literatura de Cordel**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976

TEIXEIRA, Almerinda. **Testamentos Carnavalescos: tradição discursiva satírica**. Tese (doutorado em Literatura), Universidade de Évora, Évora, 2017

WANKE, Eno Teodoro. **Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante**. Rio de Janeiro, Folha Carioca Editora, 1983

ZUMTHOR, Paul. **A Escrita e a Voz (de uma literatura popular brasileira)**. 1980. Tradução de Idelette Muzart Plural. Pluriel n. 12. Textes et Documents. 2015. Disponível em: https://www.plural.digitalia.com.br/index70fd.html?option=com_content&view=article&id=478:numero-12-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57

Apêndice: Escala dos legados do folheto de Cuíca de Santo Amaro, O testamento de Getúlio.

Legenda: fonte normal (nome próprio ou coletivo), itálico (aquilo que é legado), negrito (motivo ou característica para a herança).

Punição						Prêmio
----	---	--	-	+	++	+++
Punição sobrenatural	Morte	Mudança social	Afeto psicológico	Ganhos irrisórios ou jocosos	Ganhos devido à eleição	Ganhos permanentes
Carlos Lacerda ↓ <i>Caldeiras do inferno</i> ↓ Ordem do pai eterno	Climério ↓ <i>Porta do cemitério aberta</i> ↓ Indivíduo que jamais teve critério	Gregório ↓ <i>Grades do Galeão</i> ↓ Getúlio deu proteção / Pagar o preço da traição	Eduardo Gomes ↓ <i>Caveira na mente</i> ↓ Por querer minha cadeira	Jango Goulart ↓ <i>Nota para se retirar da política</i> ↓ Só terá derrota após morte Vargas	Balbino ↓ <i>Palácio Rio Branco e colchões de mola do Aclamação</i> ↓ É de obrigação	Povo Brasileiro ↓ <i>Leis Trabalhistas para liberdade</i> ↓ Me tinham amizade
Alcino ↓ <i>Maldição</i> ↓ Sujeito cretino / criado na malandragem	Manhães ↓ <i>Velho revolver</i> ↓ Sempre foi braço forte	Mendes de Moraes ↓ <i>Tribunal</i> ↓ Fez general / Traiu	Lutero ↓ <i>Fantasma da Toneleiros, para seu maior desespero</i> ↓ [acusado de ser mandante]	Benjamin Vargas ↓ <i>Selos da Nação para horas amargas</i> ↓ Tem costas largas	Juracy ↓ <i>Cadeira do Senado</i> ↓ Sempre foi bom soldado	Todo Trabalhador ↓ <i>Direito e Ministério do Trabalho</i> ↓ Ter igualdade de condições e direito igual aos patrões
	Euvaldo Lodi ↓ <i>Garrafa de veneno</i> ↓ Agir muito sereno / ganancioso – lucro pequeno	Café Filho ↓ <i>Dívidas da Nação</i> ↓ Ficou na gestão	Darcy ↓ <i>Tristezas de Vargas</i> ↓ Por não haver no mundo mulher igual	Juarez ↓ <i>Casa da Moeda para ele defender</i> ↓ Sempre cumpriu seu dever	Lima Teixeira ↓ <i>Outra cadeira do Senado</i> ↓ Lhe tinha simpatia	
	Valente ↓ <i>Osso e espada</i> ↓ Rapaz forte ainda moço	Aos Derrotados ↓ <i>Exílio no estrangeiro</i> ↓ Pela sua infeliz sorte		Gois Monteiro ↓ <i>Chave da Adega</i> ↓ Está usado / não pode fazer mais piega [bêbado]	Regis Pacheco ↓ <i>5 usinas em São Borja</i> ↓ Por suportar esta corja	
	Mangabeira ↓ <i>Formicida e cova</i> ↓ Só por ele me odiar	Tubarões ↓ <i>Ministério do trabalho</i> ↓ Para serem castigados [ao explorar trabalhador]		Caiado de Castro ↓ <i>Cavalo alazão para ele cair fora</i> ↓ Quando ouvir gritar “Pessoal está na hora”	Hélio Machado ↓ <i>Cadeira da Prefeitura</i> ↓ Por ser boa criatura e grande figura para defender o povo	
	Joel Presídio ↓ <i>Atestado de óbito e velha sepultura</i> ↓ Só pela sua bravura / ficar ofendendo toda e qualquer criatura			Simões Filho ↓ <i>Barba postiça para servir de gravata e bode irlandês para aumentar mamata</i> ↓ Por gostar muito de prata	Candidatos e marreteiros ↓ <i>Cofre da Nação no Rio</i> ↓ Pelas eleições gastaram todo o seu dinheiro	

Anexo: O testamento de Getúlio

O Grande Getúlio Vargas
 Brasileiro cem por cento
 Antes de morrer
 Cumpriu o seu juramento
 Deixando pros seus herdeiros
 Um riquíssimo testamento

Quando ele resolveu
 A sair deste planeta
 Deixou o seu testamento
 Também a sua caneta
 E os seus velhos óculos
 Dentro de uma gaveta

Ele que tinha antes
 Um espírito muito forte
 Saiu deste hemisfério
 Para melhorar de sorte
 Deixando pra muita gente
 O legado de sua morte

Ao Gregório por exemplo
 A quem ele deu proteção
 Para o mesmo pagar
 O preço da sua traição
 Deixou-lhe o Getúlio Vargas
 As grades do Galeão.

Deixou também aberta
 A porta do cemitério
 Para um certo indivíduo
 Que jamais teve critério
 Se não estou enganado
 Tem o nome de Climério

Deixou a maldição
 Para um sujeito cretino
 Criado na malandragem
 Desde os tempos de menino
 Se não estou enganado
 Tem o nome de Alcino

Para o Carlos Lacerda
 Incluir no seu caderno
 Deixou-lhe Getúlio Vargas
 Por ordem do Pai Eterno
 Para este jornalista
 As caldeiras do inferno

Deixou para o Manhães
 Que sempre foi braço forte
 Deixou-lhe Getúlio Vargas
 Bem depois da sua Morte
 Aquele velho revólver
 O qual lhes dera o transporte

Deixou ao Euvaldo Lodi
 Por agir muito sereno
 Achando o ganancioso
 Que seu lucro era pequeno
 Deixou-lhe como lembrança
 Uma garrafa de veneno

Deixou para o Valente
 Rapaz forte ainda moço
 Para este elemento
 Deixou-lhe um bom osso
 E a minha velha espada
 Para cortar-lhe o pescoço

Deixou ao Café Filho
 O qual ficou na gestão
 Para aumentar
 A sua consumição
 Ficou como lembrança
 As dívidas da Nação

Ao meu filho Jango Goulart
 Deixo escrito nesta nota
 Retire-se da política
 Pra não cortar mais patota
 Pois depois da minha morte
 Tu só terás a derrota

Ao meu filho Benjamin
 Que subscreve de Vargas
 Deixo ao meu querido
 Que tem as costas bem largas
 Os selos da Nação
 Pras suas horas amargas

Deixo também ao Lutero
 Pra seu maior desespero
 O fantasma que ficou
 Lá no Rio de Janeiro
 Ele deve se lembrar
 O da Rua do Toneleros

Deixo à minha Darcy
 A minha santa rainha
 Por não haver no mundo
 Mulher igual à minha
 Deixo as minhas tristezas
 Em tê-la deixado sozinha

Deixo ao Eduardo Gomes
 Por querer minha cadeira
 A noite ao deitar-se
 Para a sua brincadeira
 Ficar na sua mente
 Somente a minha caveira

Para o Mendes de Moraes
 O qual eu o fiz general
 E depois me traiu
 Na Capital Federal
 Para pagar o seu crime
 Ficar o tribunal

Deixarei ao Juarez
 O qual sempre fez valer
 Como sempre ele
 Cumpriu o seu dever
 Deixo a Casa da Moeda
 Para ele defender

Ao amigo Góis Monteiro
 Eu sei que ele não nega
 Como já está usado
 Não pode fazer mais piega
 Deixo pro seu governo
 A chave da minha adegá

Deixo ao Caiado de Castro
 Como ninguém ignora
 Quando ele ouvir gritar
 Pessoal está na hora
 O meu cavalo alazão
 Para ele cair fora

Deixo ao Mangabeira
Só por ele me odiar
Um frasco de formicida
Para ele se matar
E a minha velha cova
Para ele se enterrar

Deixo ao Simões Filho
Por gostar muito de prata
Uma barba postiça
Pra lhe servir de gravata
E um bode Irlandês
Para aumentar-lhe a mamata

Deixo para o Balbino
Porque é de obrigação
O Palácio Rio Branco
Com toda satisfação
E os colchões de mola
Que tem no Aclamação

Deixo ao Juracy
Que sempre foi bom soldado
Para presenteá-lo
Com um posto mais elevado
Deixando pro meu amigo
A cadeira do Senado

Deixo ao Lima Teixeira
Pois lhe tinha simpatia
Uma outra cadeira
A qual se acha vazia
Junto ao Juracy Magalhães
Pra lhe fazer companhia

Deixo ao Régis Pacheco
Por suportar esta corja
As minhas cinco Usinas
As quais estão em São Borja
Não há bala que penetre
Pois a parede não forja

Deixo ao Joel Presídio
Só pela sua bravura
E viver ofendendo
Toda e qualquer criatura
Um atestado de óbito
E uma velha sepultura

Deixo ao povo Brasileiro
Os quais me tinham amizade
Elas!... as Leis Trabalhistas
Para a sua liberdade
Deixo ela para o povo
Antes de ir pra a eternidade

Deixo a todo trabalhador
Igualdade de condições
Isto é... o direito
Que também tem os patrões
E o Ministério do Trabalho
Pra castigar os Tubarões

Deixo ao Hélio Machado
Por ser boa criatura
Porque sei que ele fará
Uma brilhante figura
Para defender o povo
A cadeira da Prefeitura

Deixo o cofre da Nação
Lá no Rio de Janeiro
Para os candidatos
E pra todo marreteiro
Que pelas eleições
Gastaram o seu dinheiro

Deixo para os derrotados
Pela sua infeliz sorte
O exílio no Estrangeiro
Deixo este passaporte
É este, meus herdeiros!
O Legado da minha morte.

AMARO, Cuíca de Santo. (pseud. de José Gomes). O testamento de Getúlio. s/l:s/d, 8p. [provavelmente Salvador: 1954].

IN: BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da Literatura de Cordel. Natal: Fundação José Augusto, 1977, p. 226 (capa) e p. 229-231 (texto)

